

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9

# PAIXÕES PELAS HISTÓRIAS DAS RUAS DO RIO DE JANEIRO SOB O OLHAR DE AURELIANO RESTIER E BRASIL GERSON

*Cristina da Conceição Silva* (UNIGRANRIO/UCAM)  
[cristinavento24@yahoo.com.br](mailto:cristinavento24@yahoo.com.br)  
*José Geraldo Rocha* (UNIGRANRIO)  
[rochageraldo@hotmail.com](mailto:rochageraldo@hotmail.com)

10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25

## RESUMO

A paixão pela cidade do Rio de Janeiro levou o memorialista Aureliano Restier Gonçalves e o jornalista Brasil Gerson a se debruçarem em investigar as histórias das ruas do Rio de Janeiro, o que culminou em duas obras significativas acerca dos traçados geográficos da cidade. *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Terras e Fatos*, de Aureliano Restier Gonçalves, e *Histórias das Ruas do Rio*, de Brasil Gerson, apresentam uma leitura instigante no que tange à formação das ruas da cidade carioca. Assim sendo, o artigo em pauta traz à tona uma discussão conceitual sobre algumas ruas do Rio e as situam de forma sintética acerca de suas constituições espaciais, econômicas, sociais e culturais para a cidade, de modo a reconhecer a ocupação de determinados grupos nesses espaços geográficos, que se apresentaram em alguns momentos comuns a moradores e visitantes, que chegavam à cidade carioca. Nesse contexto, o memorialista Aureliano Restier Gonçalves e o jornalista Brasil Gerson evidenciam características dessas ruas e suas importâncias para a cidade, assim como suas identidades, que são formadas através de personagens que nelas viveram, das edificações construídas e utilizações comerciais como lojas e comércio ambulante, que eram pontuais ou constantes nesses sulcos da cidade carioca.

26  
27

**Palavras-chave:** Ruas. Rio de Janeiro. Identidades.

28  
29

### 1. Introdução

30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38

Ao trazermos à tona aspectos que tratam sobre a abertura de algumas ruas cariocas, bem como a utilização das mesmas como espaço de socialização, entretenimento e comercial. Buscamos evidenciar os olhares do memorialista Aureliano Restier Gonçalves e do jornalista Brasil Gerson, que apresentam em suas pesquisas as identidades das ruas, que, basicamente, foram associadas a personagens que nelas viviam. Muitas vezes, essas ruas também associadas aos espaços comerciais ou, até mesmo, relacionadas às edificações e serviços oferecidos. Além disso, demonstraremos suas investigações acerca do desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro em função da formação de seletas ruas.

1           Ao descreverem sobre as ruas da cidade, os autores demonstram  
2       esses sulcos geográficos contextualizados com o crescimento econômico  
3       e populacional da cidade. Ademais, Aureliano Restier Gonçalves e Brasil  
4       Gerson buscam apresentar um cenário de acontecimentos, através das ru-  
5       as, além de representá-las como lugares que ditam novos padrões, e co-  
6       mo espaços de fluxos com características multifuncionais. Pois, os auto-  
7       res nas entre linhas, mostram as ruas como um espaço onde as pessoas  
8       passeavam, se divertiam e trabalhavam. Outrossim, as ruas, tratadas nes-  
9       se artigo mostram também as divisões de classes, que se estabeleciam no  
10      contexto espacial e social, que compunham a cidade carioca.

11           As descrições das ruas apresentadas nesses escritos nos apresen-  
12      tam aspectos que apontam para os modelos de construções e costumes  
13      que foram se desenhando na cidade. De forma a marcar certas caracterís-  
14      ticas nas organizações espaciais, que deram origem a grupos diferencia-  
15      dos e fizeram parte da criação das identidades das ruas cariocas. Assim  
16      sendo, mesmo com toda simplicidade que algumas ruas ofereciam aos  
17      transeuntes, elas não deixaram de marcar o cotidiano vivido entre aqueles  
18      que trabalhavam, moravam ou simplesmente passavam por esse sulco  
19      que é a alma da cidade.

20           Como desenvolvimento desse artigo, as duas primeiras seções  
21      versam sobre a bibliografia dos autores Aureliano Restier Gonçalves, que  
22      foi considerado um grande memorialista da cidade comparado a outros  
23      como: Vieira Fazenda, Ferreira Rosa, Mello Moraes Filho, Max Fleiuss,  
24      Luiz Edmundo, João do Rio, Noronha Santos, dado ao seu trabalho no  
25      serviço público do Rio de Janeiro como amanuense (profissional respon-  
26      sável por registros através de escrita manual). É Brasil Gerson que ainda  
27      muito jovem escrevia em jornais em sua cidade Joinville. Aos 17 anos de  
28      idade, veio para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, e manteve suas  
29      atividades em jornais cariocas. O jornalista que foi exilado do Brasil no  
30      período do Estado Novo, ao voltar para o país, especificamente para o  
31      Rio de Janeiro, exerce inúmeras funções, entre elas de escritor de vários  
32      livros.

33           A última seção evidencia as constituições de algumas ruas do Rio  
34      de Janeiro, tendo como primícias as da Rua da Misericórdia, e as que  
35      compreendem a localização da atual Praça XV e do SAARA (Sociedade  
36      de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega). Nesse contexto, os  
37      autores, em seus escritos, registraram seus conhecimentos históricos e  
38      documentais, sobre a cidade do Rio de Janeiro. Para que alguns fatos so-  
39      bre as ruas não caíssem no esquecimento, essas ocorrências são registra-

1 das, na busca de mantê-las vivas nas memórias dos leitores de suas obras,  
2 essa é a luta pelo não esquecimento e da preservação da memória através  
3 da história.

## 4 5 **2. O memorialista Aureliano Restier Gonçalves**

6 Aureliano Restier Gonçalves, empenhou quinze anos na elabora-  
7 ção do livro *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Terras e Fa-*  
8 *tos*, que se constitui na obra de um memorialista datada de 1949, foi es-  
9 crita em sete cadernos; talvez por isso tenha sido concluída pelo próprio  
10 autor em outra data: 29 de outubro de 1963, foi editada nos 110 anos do  
11 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

12 Identifica Ana Lucia Eppinghaus Bulcão (2004) que o autor assis-  
13 tiu ainda menino à Abolição da Escravatura, à Proclamação da Repúbli-  
14 ca, à Revolta da Armada. Na juventude de seus vinte anos, conviveu com  
15 a Revolta da Vacina, quando começava sua atividade de extranumerário.  
16 Presenciou as transformações urbanas produzidas pela Prefeitura do Dis-  
17 trito Federal, como a abertura da Avenida Central, da construção da  
18 Avenida Beira Mar, a transferência do desembarque dos viajantes que  
19 aportavam na Praça Quinze para o píer da Praça Mauá, devido à constru-  
20 ção do porto do Rio de Janeiro.

21 Provavelmente acompanhou a construção do aeroporto Santos Dumont na  
22 ponta do Calabuço; ao desmonte do morro do Castelo; ao nascimento da Ci-  
23 nelândia. Conviveu com a construção da Esplanada do Castelo, atual Avenida  
24 Presidente Antonio Carlos, com seus ministérios da Fazenda, do Trabalho, da  
25 Educação, visto que desembarcava na Praça Quinze, quando vinha de Niterói,  
26 onde morava, e, obrigatoriamente, tinha que passar pelo canteiro de obras que  
27 ficava praticamente ao lado. (BULCÃO, 2004, p. 19)

28 Foi contemporâneo do desaparecimento do Convento da Ajuda,  
29 que ficava na atual Cinelândia. Deve ter sido impossível ter deixado de  
30 presenciar a demolição das igrejas de São Domingos e de São Pedro dos  
31 Clérigos, assim como do Paço Municipal, onde trabalhava há mais de  
32 trinta anos, para a abertura da Avenida Presidente Vargas. Por força dos  
33 "melhoramentos" urbanos o Arquivo se mudou para o prédio de número  
34 onze da Rua Santa Luzia. Tal fato deve ter preocupado Aureliano Restier  
35 Gonçalves, visto que defendia há anos a instalação do Arquivo em uma  
36 sede própria com condições adequadas para a preservação da documen-  
37 tação e ao trabalho de pesquisa, declara Ana Lucia Eppinghaus Bulcão  
38 (2004)

1           Aos 28 anos, passou a exercer a função de amanuense, especiali-  
2       dade essa que aos poucos desapareceu do serviço público, com o advento  
3       da máquina de escrever e da fotocópia. O amanuense se responsabilizava  
4       pela escrita de todos os documentos necessários ao serviço, todos os do-  
5       cumentos eram manuscritos. O aparecimento do datilógrafo não fez esse  
6       profissional desaparecer de imediato, já que inúmeros documentos, por  
7       sua tipicidade ou caráter sigiloso, continuaram a ser manuscritos. Até a  
8       contemporaneidade, o acervo documental manuscrito existente nos cartó-  
9       rios e nos arquivos e convive cotidianamente com xerox, fax, computa-  
10      dor e internet. É fato que, na atualidade, dificilmente se avalia a impor-  
11      tância dos amanuenses e o volume de suas contribuições para as infor-  
12      mações que podemos buscar em documentos escritos por eles.

13           Anterior à função de amanuense, Aureliano Restier Gonçalves  
14      trabalhou, entre 1904 e 1909, na administração municipal como extra-  
15      numerário, exercendo a função de auxiliar de escrita, lotado na Diretoria  
16      Geral de Obras e Viação. O memorialista exerceu a função de amanuense  
17      na Diretoria de Obras ao longo de quase vinte anos, a transferência dele  
18      para a Diretoria de Estatística e Arquivo, ocorrida em 1924, que se deu  
19      devido ao reconhecimento pelos superiores do seu empenho e do seu in-  
20      teresse pela pesquisa documental. Cabe ressaltar que Aureliano Restier  
21      Gonçalves, foi um autodidata, uma vez que ele concluiu somente o pri-  
22      mário na primeira escola em Barra do Piraí, emancipado do município de  
23      Piraí em 1890.

24           Graças ao seu esforço e à sua dedicação, progrediu no funciona-  
25      lismo, ao mesmo tempo em que se transformava em um estudioso da his-  
26      tória da cidade do Rio de Janeiro. Ele se tornou um memorialista da ci-  
27      dade, narrando ao que assistiu e o que lhe contaram, pois, além de famili-  
28      ares e amigos, entre seus contemporâneos, contavam-se os mais destaca-  
29      dos cronistas e memorialistas do Rio de Janeiro: Vieira Fazenda, Ferreira  
30      Rosa, Mello Morais Filho, Max Fleiuss, Luiz Edmundo, João do Rio,  
31      Noronha Santos. Este último foi seu colega e chefe no Arquivo do Distri-  
32      to Federal. Tal aproximação foi uma convivência muito rica, já que todos  
33      eram homens do século XIX que tinham assistido e participado das mu-  
34      danças políticas, econômicas, sociais e urbanistas da virada do século  
35      XX na cidade do Rio de Janeiro, observa Ana Lucia Eppinghaus Bulcão  
36      (2004).

37

### 1    3. *O jornalista Brasil Gerson*

2            Brasil Gerson era descendente de holandeses e noruegueses, cha-  
3            mado na verdade Brasil Gorresen. Nasceu em 1904, em Santa Catarina,  
4            em São Francisco do Sul, e morreu no Rio de Janeiro, em 1981. O livro  
5            *Histórias das Ruas do Rio* teve sua primeira edição em 1965 e sua 6ª edi-  
6            ção em 2015. O autor trabalhava na quinta edição quando morreu.

7            Além do livro sobre as ruas do Rio, Brasil Gerson escreveu nove-  
8            las, peças de teatro e o argumento de filme. Como não poderia deixar de  
9            ser, é nome de uma rua na Taquara, em Jacarepaguá, bairro da zona oeste  
10          carioca, aponta André Luís Mansur (2000).

11          Ele também foi escritor, historiador, teatrólogo, crítico e roteirista  
12          de cinema sua obra *Histórias das Ruas do Rio* concretiza seu amor pela  
13          cidade na qual viveu e morreu, essa obra foi premiada ao lado de *Gari-*  
14          *baldi e Anita-Guerrilheiros do Liberalismo*, em 1950 na Academia Bra-  
15          sileira de Letras.

16          Brasil Gerson, iniciou sua carreira de jornalista ainda jovem de  
17          idade no *Jornal de Joinville*, e em 1920 com 17 anos veio para o Rio de  
18          Janeiro, na então Capital Federal, na cidade carioca deu início aos seus  
19          trabalhos no vespertino Boa tarde. Em seguida, mudou se para São Pau-  
20          lo, onde atuou como jornalista no *Diário da Noite* e posteriormente pas-  
21          sou a ser diretor do jornal. Sua estreia como literário foi escrevendo a  
22          novela *Vinte Anos de Circo*, seguida da novela *A Vida Acaba no Meio*.  
23          Na função de dramaturgo escreveu a peça *Maldito Tango*, em 1932 em  
24          parceria com Jaime Costa, escreveu *Anita* que foi representado no Teatro  
25          Dulcina, expõe Hilton Gorresen (2009).

26          De volta ao Rio de Janeiro, trabalhou no *Diário Associado*, de As-  
27          sis Chateaubriand. No período do Estado Novo, suas ideias liberais não  
28          comungavam com o governo do momento, assim sendo exilou se na Ar-  
29          gentina e posteriormente no Uruguai. Em Montevideú trabalhou no jor-  
30          nal *La Razón*. Foi um grande adversário do nazi-fascismo, e usava como  
31          ferramenta a imprensa do Uruguai, da Argentina e do Chile.

32          Absolvido das acusações no Brasil, volta para o Rio de Janeiro,  
33          onde é convidado por Carmem Santos a trabalhar na Brasil Vital Filmes,  
34          onde ele escreve argumento para o filme *A Inconfidência Mineira*, que  
35          foi dirigido por Humberto Mauro. Através desse trabalho veio seu gosto  
36          pela pesquisa histórica, e assim ele registra seu nome nos livros. *A histó-*  
37          *ria Popular de Tiradentes; O Ouro, o Café e o Rio; Pequena História da*

1 *Guerra do Contestado; A Revolução de D. Pedro I; O Sistema Político*  
2 *Brasileiro”* e o *Regalismo Brasileiro*, identifica Hilton Gorresen (2009).

3 Foi introdutor da crônica de cinema na imprensa carioca, o que significa  
4 dizer que foi o pioneiro desse gênero no país. Em sua fase política, foi oficial  
5 de gabinete do Presidente Café Filho. Apesar de seu espírito batalhador e de  
6 sua inquietude intelectual, era tímido, humilde e sóbrio, nunca se preocupou  
7 estar diante dos holofotes da fama. (GORRESEN, 2009, p. 01)

8 O que Brasil Gerson, gostava mesmo era de fazer suas pesquisas e  
9 livros, todavia ele deixou sua marca com suas literaturas históricas, espe-  
10 cialmente *A História das Ruas do Rio*, que já teve inúmeras edições.

11 Nesse livro as histórias das ruas do Rio de Janeiro são contadas,  
12 através da concepção de suas ruas, dos nomes de pessoas dados a elas e  
13 do que acontecia na cidade que foi capital dos pais durante tantos anos. O  
14 livro é tão importante culturalmente que a sua narrativa histórica se mis-  
15 tura completamente com a história do Brasil, escreve Hilton Gorresen  
16 (2009).

17 E exatamente isto o que este livro faz. Conta a história da cidade do Rio  
18 de Janeiro em seus detalhes, por intermédio dos nomes das ruas, dos personá-  
19 gens históricos que as nomearam, e, não só da cidade, como entrelaça a do  
20 Brasil, pois que o Rio foi a capital viva e palpitante do país nos momentos  
21 mais importantes no Império e na República, e, política e culturalmente, ainda  
22 e o grande tambor, a grande caixa de ressonância dos acontecimentos brasilei-  
23 ros realmente marcantes historicamente. (MANSUR, 2000, p. 01)

24 Além disso, outro valor de Brasil Gerson que ao contrário como  
25 faz a maioria dos historiadores não ficar limitado ao centro e Zona Sul  
26 ele vai até a Zona Norte da cidade e a área rural do Rio de Janeiro, con-  
27 tando as histórias dos nomes das ruas, relata André Luís Mansur (2000).

#### 28 29 **4. O que contam Aureliano e Brasil sobre as ruas do centro do Rio**

30 A cidade do Rio de Janeiro teve seu primeiro assentamento sobre  
31 o Morro de São Januário, que posteriormente passou a ser denominado  
32 Morro do Castelo, na parte baixa da cidade. À beira do mar, ergueram-se  
33 casas e choupanas em uma linha reta, que anos mais tarde recebeu o no-  
34 me de Rua da Misericórdia, e com o tempo foi florescendo suas rudes  
35 construções. A atual não possui mais o traçado original, pois, com o  
36 desmonte do morro do Castelo e a demolição nos anos subsequentes de  
37 todo o bairro da Misericórdia, a velha rua mudou literalmente de lugar,  
38 escreve Brasil Gerson (1965).

1 Identifica o autor que antes, a Rua da Misericórdia chegava à fren-  
2 te da igreja de São José, passava por “dentro” do atual prédio do Palácio  
3 da Justiça. Era uma das ruas “maternas” da cidade, criada logo que a ci-  
4 dade começou a descer do Castelo, e pontilhada de pequenos becos, que  
5 demonstravam essa origem ancestral, como o do Guindaste e dos Ferrei-  
6 ros, existente outrora, que foram desaparecendo com o crescimento da  
7 cidade. Nesse contexto, a Rua da Misericórdia recebe tratamento urbanís-  
8 tico com o desenvolvimento da cidade.

9 Esse traçado teve início por uma ladeira. Foi o primeiro ponto de  
10 partida dos largos e das ruas da cidade e, nesse espaço, nasceu a Santa  
11 Casa de Misericórdia, onde era o largo que os estudantes faziam seus tro-  
12 tes animados. Esses trotes sempre contavam com a presença do francês  
13 muito excêntrico de nome Vintini, que por alguns trocados se despia e  
14 fazia graças diante do público e, durante as brincadeiras, eram vendidas  
15 laranjas pela negra Sabina, que serviam para bombardear “meio mundo”.

16 Segundo o autor, as ruas dos velhos tempos não foram, evidente-  
17 mente, traçadas nas plantas, de ponta a ponta, antes que a primeira casa  
18 se construísse nelas. “Na verdade, improvisavam-se de acordo com as  
19 necessidades imediatas da cidade em expansão lenta, sem calçamento, e  
20 nem sempre em linha reta”. (GERSON, 1965, p. 19)

21 Aureliano Restier Gonçalves (2004) observa que o povoado do  
22 Rio de Janeiro ao descer do morro do Castelo para a várzea, antes mesmo  
23 de sua derrubada, acendeu canais para enxugar brejos e desenvolveu uma  
24 passagem bem à beira-mar. Essa passagem nasce desde o dito morro até  
25 o de São Bento, e a abertura na direção do interior da terra, que procura-  
26 va desbravar outros espaços na cidade. E assim foram abrindo alguns  
27 caminhos, estreitos e retos, até encontrar o fosso – Rua Uruguaiana –,  
28 que corria do norte para o sul, onde parou o desbravamento desses pou-  
29 cos habitantes que viviam na cidade. E nesse contexto, foram levantadas  
30 construções comerciais e criou-se um centro urbano de vida comercial,  
31 que fez a cidade carioca prosperar.

32 A área comercial, descreve Aureliano Restier Gonçalves (2004),  
33 surge na parte que abarcava a velha Sebastianópolis, e compreendia a  
34 área da faixa marítima até a Rua Uruguaiana, por onde corria o fosso. A  
35 faixa marítima sofreu tantas alterações que se tornou impossível reconsti-  
36 tuir os antigos aspectos com rigor, onde o solo era arenoso e cheio de  
37 sambaquis. Na faixa, que compreendia Santa Luzia até São Bento, se en-  
38 contrava a chamada marinha da cidade, em que foram abertas novas vias

1 públicas e com elas vieram às edificações comerciais e moradas. Das ru-  
2 as que se constituíram no entorno da antiga marinha da cidade, podemos  
3 citar o Rossio do Carmo, a Ribeira do Mar, a Rua Direita, como também,  
4 o Arco do Teles e o Beco dos Adelos.

5 No Rossio do Carmo, o primeiro espaço público da cidade, era  
6 destinado para recreio dos moradores, e mesmo com a formação de ou-  
7 tros, ainda era considerado o mais belo. E nesse espaço, atual praça XV,  
8 constituíram-se as primeiras tabernas e outras casas para o comércio de  
9 bebidas e comestíveis. Logo, o Largo do Paço, foi um aglomerado de  
10 aventureiros de várias partes do mundo por ser uma aprazível avenida.

11                 Nessa Babel formigava gente de toda a parte do mundo. Os prazeres nos  
12 mais feios vícios e os sofrimentos nos maiores males morais e físicos fizeram-  
13 se pela cidade, trazidos pelos aventureiros que aportavam no Rio de Janeiro. O  
14 antigo largo do Paço, atual Praça Quinze de Novembro, pela sua situação à  
15 beira-mar, olhando o oriente, oferece descortino interessante e pitoresco e é  
16 ainda aprazível logradouro. (GONÇALVES, 2004, p. 166)

17 A Ribeira do Mar era constituída de uma parte natural e outra arti-  
18 ficial, que formava à margem da antiga praia ou marinha da cidade, e, fu-  
19 turamente, tornou-se uma nova praia desde a Misericórdia até São Bento.  
20 A parte de um fragmento da nova via, que o povo apelidou Ribeira do  
21 Mar, era o espaço da feira, onde se ajuntavam os mercadores e amparava  
22 toda a gente da cidade e do Recôncavo para comprar e vender.

23 Na Ribeira ficavam as bancas do pescado e as das hortaliças, as  
24 barracas dos estrangeiros, dos moleiros, dos oleiros: as tanoarias e as  
25 tendas de víveres e de licores. Enfim, declara Aureliano Restier Gonçal-  
26 ves (2004) que a Ribeira do Mar ou Praia do Peixe, como veio a se cha-  
27 mar depois, era o mercado da cidade, em que a erva, o azeite, o artigo  
28 mais procurado, e o açúcar, eram comercializados. Por muitos anos, parte  
29 da Ribeira chamou-se passagem de Gonçalo Gonçalves, por conta do  
30 nome de um grande comerciante de azeite que comerciava nessas cerca-  
31 nias. “Essa pequena via pública entrou na formação da Rua do Sabão,  
32 depois General Câmara, trecho desde a Candelária até a Rua Primeiro de  
33 Março”. (GONÇALVES, 2004, p. 166)

34 Com o tempo, foram acrescidas outras ruas, e o público passou a  
35 denominar esse conjunto de Praia da Marinha Nova ou Rua Fresca, e as-  
36 sim, a Ribeira ganhou novos aspectos. Com a construção e inauguração  
37 do Mercado Municipal e a antiga Rua da Praia do Peixe, que passou a se  
38 chamar Rua do Mercado, desapareceu a tradicional Praça da Praia do



1 Peixe, espaço de antigos e curiosos costumes da velha Sebastianópolis,  
2 conforme afirma Aureliano Restier Gonçalves (2004).

3 De acordo com Brasil Gerson (1965), a Rua Direita, atual Rua  
4 Primeiro de Março, que recebeu esse nome em função do término da  
5 Guerra do Paraguai, teve o primeiro bar e confeitaria ao ar livre, o pas-  
6 seio asfaltado e arborização e uma confeitaria muito famosa de nome  
7 Carceler, pertencente a uma viúva de mesmo sobrenome. “Na Rua Direi-  
8 ta, no dia 12 de agosto, realizava-se, com uma grandiosidade desconhe-  
9 cida hoje, uma das mais curiosas festas religiosas cariocas, instituída em  
10 1845: a do Senhor Desagravado e Nossa Senhora da Piedade”. (GER-  
11 SON, 1965, p. 27)

12 A Rua Direita também teve a primazia na melhoria do aspecto arquitetural  
13 das casas, que eram verdadeiros caixões, a guisa de fortalezas medievais.  
14 Segundo o plano organizado na municipalidade, e já em execução em 1870,  
15 na Rua Direita, as fachadas dos prédios nessa via pública tiveram realce com  
16 as ornamentações introduzidas, predominando o pitoresco e a fantasia indivi-  
17 dual. (GONÇALVES, 2004, p. 170)

18 Descreve Brasil Gerson (1965) que, segundo Max Leclerc, um es-  
19 trangeiro que visitou a cidade, ao percorrer a Rua Direita, se tinha a im-  
20 pressão de estar em um pedaço de Londres ou sob o céu do Egito, algo à  
21 moda oriental, e que para o viajante francês, ela era também a cara da  
22 Saint Honoré, em virtude das grandes casas comerciais que abrigava. A  
23 Passagem ou Arco do Teles, observa o autor, que teve como nome inicial  
24 Passagem Lapa dos Mercadores, codinome dado pelo fato do o juiz Teles  
25 de Menezes residir na mesma, e nela tinha um prédio em forma de um  
26 arco. Enfim, a rua teve seu nome associado ao juiz e ao prédio existente  
27 no espaço.

28 Tal recinto também foi conhecido como estância dos Mercadores  
29 e, tempos depois, ficou conhecida como travessa do Comércio. Em seu  
30 entorno, ficavam a Rua Direita e Praia do Peixe, que foram considerados  
31 lugares notáveis na cidade do Rio de Janeiro, em virtude da movimenta-  
32 ção de pessoas e do comércio, declara Brasil Gerson (1965).

33 Identifica o autor que a velha cidade de São Sebastião continuava  
34 crescendo no decorrer do século XIX e os idealizadores presavam cuida-  
35 dos pela arte, bom gosto e conforto nos modelos de edificações e nos es-  
36 paços de circulação dos transeuntes. Nesse contexto, surgem o Largo da  
37 Misericórdia e o Arco do Catumbi, em que o primeiro dava acesso para o  
38 fundo do hospital Santa Casa de Misericórdia e o segundo servia de trân-  
39 sito de pedestres e passagem de um cano com água potável, que vinha do

1    alto da montanha para abastecer os moradores do bairro de Catumbi. O  
2    Largo da Carioca foi considerado uma obra monumental da cidade, que  
3    serviu para acesso dos moradores e cargas ao bairro de Santa Tereza com  
4    a passagem dos bondes elétricos, que facilitou o deslocamento.

5            A Rua do Ouvidor, “Um arenoso e estreito caminho do mar ao  
6    fosso, aberto pelos primeiros povoadores do Rio de Janeiro, dando vida à  
7    incipiente cidade” (GONÇALVES, 2004, p. 172). A Rua do Ouvidor gan-  
8    hou esse nome por ter como morador, na quarta década do século XVII,  
9    o ouvidor da comarca Dr. Manoel de Amaro Pena de Mesquita Pinto. O  
10   autor indica que outro ouvidor de nome Francisco Antônio Berquó da  
11   Silveira Pereira, também residiu nessa rua. Primitivamente, a rua se cha-  
12   mava Aleixo Manoel, em homenagem a um morador da cidade, que lutou  
13   bravamente contra os tamoios e tinha grande habilidade com as armas,  
14   além de acumular funções de cirurgião e vereador da cidade carioca, de  
15   acordo com Brasil Gerson (1965).

16           Aureliano Restier Gonçalves (2004), aponta que no século XIX, já  
17   conhecida de fato como Rua do Ouvidor, foram feitas obras de calçamen-  
18   tos, preparo do solo, e os prédios apresentam novas fachadas e com mais  
19   altura do que os demais da cidade de São Sebastião. E não tardou para  
20   que surgissem os ateliers de moda, as livrarias, alfaiates e lojas de calça-  
21   dos inglês. Cabelereiros e tipografias faziam parte do cenário da Rua do  
22   Ouvidor, e todos os serviços que nela existiam atraíam milhares de pes-  
23   soas que transitavam durante o dia pela rua e, nesse contexto, ela foi tal-  
24   vez o maior shopping a céu aberto da cidade. A mesma perdeu seu *gla-*  
25   *mour* com a inauguração da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco.

26           Neste ambiente movimentado na Rua do Ouvidor, a passagem de  
27   veículos era proibida em horário pré-estabelecido por conta do trânsito de  
28   pessoas. Ao final do século XIX, a Rua do Ouvidor concentrava a cultu-  
29   ra, elegância e luxo da cidade, e também era uma espécie de "Clube ao ar  
30   livre", onde a sociedade se encontrava, de forma que se poderia dizer que  
31   esta rua teria sido o primeiro "Shopping Center" do Brasil. Os políticos e  
32   intelectuais frequentavam, principalmente os cafés, as livrarias e as reda-  
33   ções dos jornais, cujas sedes lá se instalavam, como expõem Brasil Ger-  
34   son (1965) e Aureliano Restier Gonçalves (2004).

35           Em 1862, segundo a Revista Popular, de 15 de novembro do dito ano, já  
36   se calculava em sessenta mil o nº de pessoas de todas as classes, sexos e ida-  
37   des que transitavam pela Rua do Ouvidor, durante as dezesseis horas de um  
38   dia. A partir de 1867, ficou proibida a passagem de veículos pela Rua do Ou-  
39   vidor, desde 9h da manhã até às 10 da noite, por ser grande o trânsito de pes-  
40   soas. (GONÇALVES, 2004, p. 174)

1 Descreve o autor que nessa ambiência histórica sobre a Rua do  
2 Ouvidor, era comum ler as notícias recém-chegadas em murais nas portas  
3 das redações, assim como comprar os jornais recém-saídos das mãos dos  
4 vendedores de jornais que circulavam nas vias, pois algumas quantidades  
5 eram disponibilizadas para os vendedores ambulantes a fim de vendê-los  
6 aos passantes pelas ruas da cidade.

7 Ao findar do século XIX, num memorial apresentado à municipalidade, a  
8 propósito de costumes e melhoramentos da cidade de São Sebastião do Rio de  
9 Janeiro, a Rua do Ouvidor aparece como instituição quase universal, represen-  
10 tando a concentração da nossa cultura, elegância e luxo. (GONÇALVES,  
11 2004, p. 174)

12 A rua era conhecida como beco do luxo, ou seja, espaço de con-  
13 centração da elite que contava com artigos de luxo e passava as tardes  
14 nas confeitarias. Era o trecho entre o Largo de São Francisco e a Rua dos  
15 Ourives, atualmente, chamada de Rua Miguel Couto.

16 Coma abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional, ingleses e  
17 franceses, mais do que outros estrangeiros, logo se estabeleceu entre nós, os  
18 primeiros como importadores ou atacadistas, os segundos como varejistas  
19 também, especializados em cambraias, sedas, chapelaria, barretes de seda e  
20 algodão, perfumes, objetos de modas e fantasias, joia, alfaias, cabelereiros,  
21 sorveteiros, doceiros e etc.[...] e desde aí uma outra vida principiou para Rua  
22 do ouvidor (GERSON, 1965, p.64).

23 Segundo Aureliano Restier Gonçalves (2004), a travessa do Ouvia-  
24 dor, primitiva Rua das Flores, que ligava ao caminho dos frades do Car-  
25 mo a atual Rua Sete de Setembro, era conhecida como Rua Nova do Ouvia-  
26 dor. Essa rua teve seus habitantes e comerciantes na maioria negros,  
27 que viviam seminus pela rua. Eles eram fabricantes de cestos de pescaria  
28 durante o dia, e passavam a noite em festejos até alta madrugada. Com o  
29 crescimento da cidade, a rua sofreu grande modificação, com a adoção de  
30 medidas de higiene e moralidade, e com isso chegaram os aterros, calça-  
31 mentos e edificações de alvenaria, especialmente, estilos sobrados.

32 Percebemos que a constituições das ruas da cidade carioca marca-  
33 ram grupos sociais diferenciados, bem como comércios, que atendiam as  
34 mais diversas classes sociais do Rio de Janeiro. As formações destas ruas  
35 nasceram de uma necessidade da cidade se expandir e de atender o interes-  
36 se de uma sociedade, que necessitava de acesso aos bens públicos, cultu-  
37 rais e sociais, além de garantir a sobrevivência desses homens e mulhe-  
38 res, que viviam em meio a terrenos alagadiços.

39

## 1 5. Considerações finais

2 Considerando que a rua é um espaço público, que estimula a cul-  
3 tura urbana e a criação de cidadania, e é, também, a demonstração livre  
4 dos direitos dos cidadãos, dos experimentos que proporciona e dos valo-  
5 res que protege. A multidisciplinaridade, citada no corpo desse texto, no  
6 que se refere à rua, completa e fortifica as relações humanas, a qualidade  
7 de vida e a representação da cidade na memória do indivíduo, uma vez  
8 que a cidade é um lugar onde se criam memórias, que vão desde grandes  
9 eventos que marcam a cidade a detalhes que só são possíveis, em virtude  
10 das inter-relações das pessoas, das culturas e conjunturas, onde todos se  
11 sentem como parte dela.

12 E nesse construto as obras citadas nesse artigo, devem ser investi-  
13 gadas por entusiastas pela história da cidade do Rio de Janeiro e da gente  
14 carioca, pois, as mesmas trazem uma inegável lição para todos os que se  
15 preocupam com a preservação da memória. Jacques Le Goff (2003, p.  
16 471) acrescenta que “a memória, na qual cresce a história, que por sua  
17 vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futu-  
18 ro”. Assim sendo, a memória é um fenômeno edificado. Ela armazena,  
19 preocupa, exclui, registra e relembra, serve como um aparelho para que  
20 estudiosos busquem evidenciar fatos de um dado momento e dos espaços  
21 de uma cidade.

22

## 23 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

24 BULCÃO, Ana Lucia Eppinghaus. Um perfil de Aureliano Restier Gon-  
25 çalves. In: GONÇALVES, Aureliano Restier. *Cidade de São Sebastião*  
26 *do Rio de Janeiro: terras e fatos*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cida-  
27 de do Rio de Janeiro / Divisão de Pesquisa, 2004, [p. 19-12 não numera-  
28 das].

29 GERSON, Brasil. *Histórias das ruas do Rio*. 4. ed. Rio de Janeiro: Brasi-  
30 liana, 1965.

31 GONÇALVES, Aureliano Restier. *Cidade de São Sebastião do Rio de*  
32 *Janeiro terras e fatos*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio  
33 de Janeiro / Divisão de Pesquisa, 2004. Disponível em:  
34 <[http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101442/sao\\_sebast\\_rj\\_terrass\\_fatos.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101442/sao_sebast_rj_terrass_fatos.pdf)>.  
35

- 1 GORRESEN, Hilton. Brasil Gerson: um jornalista de dois mundos. *Re-*  
2 *canto das Letras*, 08/08/2009. Disponível em:  
3 <<http://www.recantodasletras.com.br/homenagens/1743386>>. Acesso  
4 em: 12-05-2017.
- 5 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 2003.
- 6 MANSUR, André Luís. O jornalista Brasil Gerson ampliou e reviu sua  
7 obra até morrer em 1981. *O Globo*, caderno "Prosa & Verso" de  
8 09/12/2000. Disponível em:  
9 <[http://criticasmansur.blogspot.com.br/2009/04/livro-que-decifra-as-](http://criticasmansur.blogspot.com.br/2009/04/livro-que-decifra-as-ruas-e-relancado.html)  
10 [ruas-e-relancado.html](http://criticasmansur.blogspot.com.br/2009/04/livro-que-decifra-as-ruas-e-relancado.html)>. Acesso em: 12-05-2017.